

## **Trabalho de Conclusão de Curso**

### **O CONCEITO DE PERFEIÇÃO BÍBLICA NO ANTIGO E NOVO TESTAMENTOS**

**Patrick Siqueira**

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP  
TCC apresentado em dezembro de 2008  
Orientador: Amin Américo Rodor, Th.D.

**Resumo:** O termo perfeição na Bíblia é tratado de maneira diferente daquilo que a mente ocidental, grandemente influenciada pela filosofia grega, geralmente concebe. Por meio deste estudo, focado no Antigo e no Novo Testamentos verificaremos como a perfeição bíblica deve ser entendida e se é possível alcançá-la.

**Palavras-chave:** Perfeição, Perfeccionismo, Bíblia, Ethos.

### **The Concept of Perfection in the Old and New Testaments**

**Abstract:** The idea of perfection in the Bible is conceived in a very different way from that which is thought by an occidental mind, influenced by the Greek Philosophy. Through this study, focused in the Old and New Testaments, it is possible to verify how the idea of perfection should be understood and if it is possible to be attained.

**Keywords:** Perfection, Perfectionism, Bible, Ethos.

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO  
CAMPUS ENGENHEIRO COELHO  
SEMINÁRIO ADVENTISTA LATINO-AMERICANO DE  
TEOLOGIA**

**O CONCEITO DE PERFEIÇÃO BÍBLICA NO ANTIGO E NOVO  
TESTAMENTOS**

**Artigo Científico apresentada ao curso  
de Teologia como cumprimento  
parcial dos requisitos da disciplina de  
Trabalho de Conclusão de Curso, sob  
orientação do professor Amim A.  
Rodor, Th.D**

**Por  
Patrick Siqueira  
Novembro de 2008**

O CONCEITO DE PERFEIÇÃO BÍBLICA NO ANTIGO E NOVO TESTAMENTOS

Trabalho de Conclusão de Curso  
Apresentado em Cumprimento Parcial  
dos Requisitos para Obtenção do Título de  
Bacharel em Teologia

por

Patrick de Almeida Siqueira

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

---

Amin Américo Rodor, Th.D.  
Orientador

---

Avaliação

---

Wilson Luiz Paroschi Cordeiro, Ph.D.  
Leitor

---

Data da Aprovação

---

Amin Américo Rodor, Th.D.  
Diretor do Curso de Teologia

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULOS</b>	<b>PÁGINA</b>
<b>SUMÁRIO .....</b>	<b>iii</b>
<b>I. PERFEIÇÃO NO ANTIGO TESTAMENTO.....</b>	<b>1</b>
<b>Perfeição Divina no Antigo Testamento .....</b>	<b>1</b>
<b>O Concerto da Graça .....</b>	<b>2</b>
<b>Relacionamento Divino Humano no Livro de Salmos .....</b>	<b>3</b>
<b>Pano de Fundo Moral Religioso dos Salmos .....</b>	<b>4</b>
<b>Salmo 19 .....</b>	<b>5</b>
<b>Salmo 15 .....</b>	<b>6</b>
<b>Perfeitos no Antigo Testamento .....</b>	<b>8</b>
<b>II. PERFEIÇÃO NO NOVO TESTAMENTO</b>	<b>10</b>
<b>Cristo e a Perfeição .....</b>	<b>10</b>
<b>Perfeição na Teologia Paulina .....</b>	<b>14</b>
<b>Cumprimento Cristológico da Velha Aliança .....</b>	<b>14</b>
<b>Justificação, Santificação e Perfeição .....</b>	<b>16</b>
<b>A Batalha Cristã .....</b>	<b>18</b>
<b>Perfeição em Hebreus .....</b>	<b>20</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>23</b>

## 1. PERFEIÇÃO NO ANTIGO TESTAMENTO

### 1.1. PERFEIÇÃO DIVINA NO ANTIGO TESTAMENTO

Conquanto o Antigo Testamento fale algumas vezes sobre a perfeição divina, ele o faz com um significado diferente daquilo que a mente ocidental, grandemente influenciada pela filosofia grega, geralmente concebe. O Antigo Testamento se preocupa em retratar a perfeição divina em termos do relacionamento divino-humano e não em descrever a natureza perfeita de Deus como sendo um fim em si mesma<sup>1</sup>.

Segundo Campbell, em pelo menos cinco vezes, a palavra “*tamim*” (perfeito, irrepreensível) deve ser aplicada a Deus com significado estrito de perfeição<sup>2</sup>. É interessante notar que, todas as vezes que isso ocorre, o contexto em que o conceito de perfeição está inserido é da aliança de Deus com seu povo<sup>3</sup>.

O termo *tamim* nunca aparece como predicado de Yahweh, enfatizando-a como um fim em si mesma. Antes, o A.T. mostra a perfeição divina em termos de amor redentivo revelado nas obras salvíficas de Yahweh (Dt 32:4), na Sua santa e justa lei (Sl 19:7), nos Seus caminhos (II Sm 22:31 e Sl 18:30), no Seu conhecimento (Jó 37:16) e em toda história da redenção do Seu povo (Is 5:4).

Longe de ser um conceito abstrato, ou um mero resultado de raciocínio lógico humano, ou muito menos um ideal ético inatingível de virtudes morais, ela é revelada na realidade concreta da história de Israel. É perfeição divina em ação e intenção de salvação do homem.

LaRondelle sumariza esse conceito dizendo que: “as ações divinas são caracterizadas como perfeitas, entretanto, somente porque a intenção de todas elas é o cumprimento das promessas do Seu concerto”<sup>4</sup>. Logo, no Antigo Testamento, a ênfase dada perfeição divina está sempre relacionada com o conceito da aliança de Yahweh com seu povo.

---

<sup>1</sup> Hans K. La Rondelle, *Perfection and Perfectionism: A Dogmatic-Ethical Study of Biblical Perfection and Phenomenal Perfectionism* (Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1975), 37-50

<sup>2</sup> George Artur Buttrick, Ed. , *Interpreter's Dictionary of The Bible* ( New York, Nashville: Abinton Press, 1962, V.3), 730.

<sup>3</sup> Hans K. La Rondelle, *Perfection and Perfectionism: A Dogmatic-Ethical Study of Biblical Perfection and Phenomenal Perfectionism* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1975) 38

<sup>4</sup> idem, 40

## 1.2. PERFEIÇÃO HUMANA NO ANTIGO TESTAMENTO

### 1.2.1 O CONCERTO DA GRAÇA

O santuário e seu ritual era o centro do culto israelita. O ritual expiatório era oficiado pelo levita com o propósito de perdoar pecados : “tirá toda a gordura, como se tira gordura do sacrifício pacífico; o sacerdote a queimará sobre o altar, em cima das ofertas queimadas do Senhor, assim, o sacerdote, por essa pessoa, fará expiação do seu pecado que cometeu, e lhe será perdoado” (Levítico 4:35).

Embora o sacerdote fosse o meio pelo qual o perdão e a graça de Deus alcançam o indivíduo, o A.T. ensina explicitamente que Deus é o autor desse perdão (Isaías 43:25). A lei mosaica ensina que não é Israel quem oferece o sangue o sangue expiatório sobre o altar mas Deus diz: “Eu vo-lo tenho dado sobre o altar (o sangue), para fazer expiação pela vossa alma” (Levítico 17:11). A graça é um conceito que distingue a religião israelita de todas as demais formas de culto pagãs contemporâneas, as quais, diferentemente do culto de Israel, eram baseadas no princípio da salvação pelas obras.<sup>5</sup>

O Santuário Israelita e sua doutrina da expiação eram únicos em sua essência e distinguiam o povo de Israel de todos demais povos. Deus elegeu Israel para que “fosse Seu povo próprio”(Deuteronômio 7:6). Essa eleição também foi inteiramente baseada na graça; não foi baseada em nenhuma superioridade inerente ao povo. Mas mesmo assim o povo a nação constantemente incorreu no erro de pensar da seguinte forma: “por causa da minha justiça é que o Senhor me trouxe a essa terra para a possuir”(Deuteronômio 9:4).

A despeito de o povo de Israel oferecer a Deus sua teimosia, apostasia e , por vezes, até rebelião durante quarenta anos no deserto, Deus, segundo sua infinita graça e amor, renovou Seu concerto com o povo dizendo: “ Agora, pois, ó Israel, que é que o Senhor requer de ti? Não é que temas o Senhor teu Deus, e andes em todos os seus caminhos, e o ames, e sirvas, ao Senhor teu Deus de todo seu coração de toda tua alma, para guardar os mandamentos do Senhor e os estatutos que hoje te ordeno, para o teu bem?” (Deuteronômio 10:12, 13).

---

<sup>5</sup> Herbert, E. Douglass, ed., *Perfection: The Impossible Possibility* (Neshville, Tennessee: Southern Publishing Assocoation , 1975) 102

A graça divina oferecida a Israel através do concerto requer do homem perfeita obediência a Deus. Entretanto, essa perfeita obediência moral requerida por Deus, deveria ser totalmente baseada num sentimento de gratidão motivado graça divina<sup>6</sup>. Logo, A essência da religião israelita, é que a graça divina deveria criar no coração do homem uma motivação baseada no amor, para que esse, em resposta a graça previamente oferecida por Deus, ofereça uma perfeita obediência a Deus cumprindo as leis do concerto<sup>7</sup>.

Na ética da religião israelita, o requerimento divino de cumprimento das leis do Seu concerto deveria estar baseado sobre uma motivação amorosa proveniente da graça divina. A perfeição divina, de acordo com a forma que o Antigo Testamento a revela, como perfeição de ação e intenção de salvação do homem, está intimamente relacionada com a criação dessa motivação no coração do homem.

A obediência requerida por Deus é descrita nas seguintes palavras: “Ouve ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo teu coração, de toda tua alma e de toda a tua força” (Deuteronômio 6:4,5). Ainda no contexto do concerto, a perfeição é descrita nas seguintes palavras: “Porque, quanto ao Senhor, Seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo o coração é totalmente Dele”. (2 Crônicas 16:9). Perfeição, em termos do pacto da aliança de Deus com Seu povo, é a resposta ao amor e graça divinos numa total e completa inclinação do coração e vida à vontade de Deus.

### **1.2.2 RELACIONAMENTO DIVINO-HUMANO EM SALMOS**

Segundo Eichrodt, o “*cultos*” israelita é “tanto uma expressão da experiência religiosa em ações concretas realizadas com a congregação no ritual do templo, como também uma expressão genuína da religião viva que penetra toda existência humana”<sup>8</sup>. Na religião israelita há uma união indivisível entre a experiência religiosa, o *cultos*, e comportamento religioso, o “*ethos*”.

---

<sup>6</sup> *ibid*, 102

<sup>7</sup> *ibidem*

<sup>8</sup> Whalter Eichrodt, *Theology Of The Old Testament* (Philadelphia: TheThe Westminster Presss, 1961, V 1.), 98

O livro dos Salmos é intimamente interligado com o a adoração no santuário israelita. Os salmos, após serem incorporados ao culto oficial Israelita., foram aceitos como orações inspiradas pela comunidade religiosa de Israel, e portanto, modelo para os adoradores no serviço do templo. O livro dos salmos, portanto, pode ser tido como fonte de expressão do *cultos* israelita<sup>9</sup>. Uma breve análise desse livro pode ser bem útil no sentido de elucidar o conceito vétero-testamentário de perfeição.

### 1.2.3.1 PANO DE FUNDO MORAL-RELIGIOSO DOS SALMOS

O livro dos salmos, assim também como a literatura sapiencial, classifica os seres humanos em duas categorias: os justos (*saddiqim*) e os perversos (*resaim*)<sup>10</sup>. Os justos são aqueles amam e temem a Yahweh, que fazem “o que é justo” para seus companheiros israelitas e vivem em obediência a toda Torah. Os perversos são aqueles que escolhem uma forma diferente de existência onde falta o princípio do amor por Yahweh e Sua Torah como a motivação para suas ações<sup>11</sup>.

Embora, importante quanto possa ser, o que diferencia as duas classes não é apenas a diferença de comportamento religioso entre elas, ou seu *ethos* mas a sua conexão com o próprio Deus, através de uma experiência pessoal do concerto e da graça expiatória de Yahweh<sup>12</sup>.

O *saddiq* não é meramente uma pessoa eticamente perfeita ou virtuosa, mas o indivíduo que, motivado pelo amor redentivo de Yahweh, tem confiança nEle e O obedece, vivendo de acordo com os mandamentos éticos, sociais e culturais do Seu concerto<sup>13</sup>. LaRondelle expressa esse pensamento e acrescenta: “ mesmo quando nós admitimos o relacionamento indissolúvel e a unidade entre o *cultos* e *ethos* de Israel, nós observamos que o *saddiq* , em última instância, é determinado por seu relacionamento para com o *cultos* e não por sua moralidade, perfeição ética ou impecabilidade”<sup>14</sup>. Logo,

---

<sup>9</sup> Herbert, E. Douglass, ed., *Perfection: The Impossible Possibility* (Neshville, Tennessee: Southern Publishing Assocoation , 1975), 104

<sup>10</sup> Hans K. La Rondelle, *Perfection and Perfectionism: A Dogmatic-Ethical Study of Biblical Perfection and Phenomenal Perfectionism* (Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1975), 111

<sup>11</sup> ibidem

<sup>12</sup> idem, 112

<sup>13</sup> ibidem

<sup>14</sup> ibidem

o relacionamento experimental com Yahweh ocupa um lugar de proeminência na qualificação da situação do homem perante Deus.

Nem o livro dos Salmos e nem a Torah ensinam que o israelita sincero, que vive em perfeita obediência a lei de Yahweh, pode viver sem a necessidade de expiação ou perdão<sup>15</sup>. Uma das principais emoções descritas no livro de salmos é uma profunda consciência de pecaminosidade que causa contrição na alma do adorador, não apenas por causa de atos pecaminosos cometidos, mas pela consciência da intrínseca pecaminosidade do ser<sup>16</sup>.

Por essa razão os salmistas são profundamente convencidos da sua situação de culpa perante Deus e, como conseqüência, vivem constantemente uma genuína contrição de coração. Os Salmos constantemente expressam uma necessidade contínua de perdão e de permanência na graça redentora do concerto de Yahweh<sup>17</sup>.

Portanto, quando se pressupõem na vida de um homem, uma vivência e participação genuína na experiência religiosa do concerto de Yahweh, é difícil conceber qualquer pessoa que expresse a crença de viver num estado de consciência de absoluta impecabilidade.

### 1.2.3.2 SALMO 19

O Salmo 19 intensifica a distinção levítica, de pecados inconscientes e pecados cometidos por rebelião<sup>18</sup>. No ritual de expiação do santuário israelita havia uma clara distinção esses dois tipos de pecado<sup>19</sup>. Os pecados por ignorância são cometidos involuntariamente, sem todo o conhecimento da sua implicação para Deus e com uma profundo e subseqüente arrependimento. Já os pecados por “soberba” ou “atrevimento”

---

<sup>15</sup> Conferir Genesis 8:21, Lev. 4, Sl 14:1-3, 40:7, 143:2, 130:3, Jó 14:4 e 1 Rs. 8:46

<sup>16</sup> Hans K. La Rondelle, *Perfection and Perfectionism: A Dogmatic-Ethical Study of Biblical Perfection and Phenomenal Perfectionism* (Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1975), 114

<sup>17</sup> Conferir Sl 19:12-14; 139:23-24

<sup>18</sup> Whalter Eichrodt, *Theology Of The Old Testament* (Philadelphia: TheThe Westminster Presss, 1961, V 1.), 161

<sup>19</sup> Conferir Números 15:27-31

são cometidos de forma intencional, com total conhecimento das implicações e em atitude de desafio a autoridade divina<sup>20</sup>.

Enquanto que o pecado involuntário poderia ser perdoado pelo ritual expiatório do santuário, não havia expiação para o pecado da rebelião<sup>21</sup>. Somente o segundo tipo de pecado era capaz de separar o pecador da relação de Concerto com seu Deus<sup>22</sup>. A través da graça de Deus o pecador arrependido poderia sempre encontrar perdão e ser reconciliado por meio do ritual da expiação.

No salmo 19 Davi ora por perdão dos pecados ocultos e para que Deus o mantenha afastado do pecado da soberba( verso 12 e 13). Assim como o pecado afeta o relacionamento de concerto com Deus e trás alienação do homem para com Deus<sup>23</sup>, o perdão e a graça divinas também subjagam as paixões naturais do coração e causam uma libertação do poder do pecado<sup>24</sup>.

No salmo 19 não há lugar para o orgulho espiritual manifestado em um sentimento de absoluta santidade . Pelo contrário, o salmista demonstra, no salmo 19, uma mistura aparentemente paradoxal de sentimentos. Vivendo numa condição de relacionamento bem pessoal com seu redentor (verso 14), ele experimenta ao mesmo tempo uma profunda consciência da sua pecaminosidade e uma intensa alegria pela salvação<sup>25</sup>.

Davi ora e clama pelo perdão divino que é capaz de tanto perdoar a culpa quanto subjugar o poder do pecado. Para o salmista, o resultado desses dois feitos do perdão divino é a seguinte declaração de fé: “então, serei irrepreensível (*tamim*)”. Perfeição no salmo 19 inegavelmente não tem que ver com impecabilidade inerente à natureza, mas sim com uma atitude da graça divina. Logo, perfeição, no *cultos* israelita não é um requerimento mas sim um presente divino ofertado para aqueles que são fiéis ao

---

<sup>20</sup> Herbert, E. Douglass, ed., *Perfection: The Impossible Possibility* (Neshville, Tennessee: Southern Publishing Assocoation , 1975), 107

<sup>21</sup> I Samuel 3:14

<sup>22</sup> Herbert, E. Douglass, ed., *Perfection: The Impossible Possibility* (Neshville, Tennessee: Southern Publishing Assocoation , 1975), 108

<sup>23</sup> Conferir Salmos 88:14, 89:46, 143:7, ver também Isaías 59:2

<sup>24</sup> No Salmo 51 poder de Deus é comparado a um ato recreativo de Deus no coração do pecador contrito.

<sup>25</sup> Salmos 19:8

relacionamento de concerto com Deus e vivem num persistente e contínuo caminhar dependente da Sua Graça<sup>26</sup>.

### 1.2.3.3 SALMO 15

Mas a análise do Salmo 15 parece estar em contradição com o conceito de perfeição com sendo resultado desse andar constante na graça divina. O verso 1 inicia o Salmo perguntando sobre qual tipo de pessoa é apta para participar da “hospitalidade divina”<sup>27</sup> no culto no santuário israelita. Segundo Samuel Terrien, os outros versos trazem uma série de requisitos ético-religiosos como sendo pré requisitos para aceitação do adorador, não no aspecto jurídico, mas na aceitação e permanência no culto no templo<sup>28</sup>. Será que este salmo não estaria dando suporte para idéia que o *ethos* precede o a aceitação do indivíduo? Será que o Salmo quinze traz um padrão ético-moral como pré-requisito para participação do *cultos* no na religião israelita? Será aqui a perfeição não aparece como demanda ao invés de um presente gratuito de Deus?

A chave para a compreensão do salmo 15, é analisá-lo de uma perspectiva mais ampla, da perspectiva de toda Torah<sup>29</sup>. Como já visto anteriormente, moralidade nunca foi a base da eleição de Israel<sup>30</sup>. A redenção ocorrida no êxodo de Israel e o concerto subsequente foram baseados unicamente graça e amor divinos. Deus sempre aceitou o ser humano com base na Sua graça e misericórdia, e sua participação no *cultos* não poderia ser diferente. Davi no Salmo 5:7 declara: “porém eu, pela riqueza da tua misericórdia, entrarei na tua casa e me prostrarei diante do teu santo templo”. Isto não significa que moralidade é irrelevante, mas no mínimo, que ela não é em última instância a base para participação no *cultus*<sup>31</sup>.

---

<sup>26</sup> idem

<sup>27</sup> Samuel Terrien, *The Psalms: Strophic Structure and Theological Commentary* (Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 203) 170

<sup>28</sup> ibid, 171

<sup>29</sup> Herbert, E. Douglass, ed., *Perfection: The Impossible Possibility* (Neshville, Tennessee: Southern Publishing Association, 1975), 109

<sup>30</sup> Conferir Deuteronômio 7-9

<sup>31</sup> Hans K. La Rondelle, *Perfection and Perfectionism: A Dogmatic-Ethical Study of Biblical Perfection and Phenomenal Perfectionism* (Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1975), 120

A ênfase e concentração do Salmo 15 sobre o *ethos* deve ser entendido à luz do distúrbio concertual<sup>32</sup>. Quando a relação entre o *cultos* e *ethos* é quebrada, Yahweh toma uma destrói e rejeita o *cultos*, e aplicando castigos e maldições referidas em Levítico 26. Esta tensão ou discrepância poderia ser causada pela participação simplesmente formal e hipócrita do *cultos* por parte do indivíduo ou mesmo de toda nação. A solução para este distúrbio não deve se dar na separação ou substituição de um pelo outro<sup>33</sup>. O relacionamento entre eles deve ser indissolúvel.

Mas o *cultos* é que tem a função de ser o fundamento do *ethos*. A graça divina, disponibilizada diariamente ao indivíduo pelo ritual de expiação no santuário, trazia tanto o perdão para os pecados quanto força para libertação do poder do pecado<sup>34</sup>. Quando indivíduo experimenta a graça divina através de um relacionamento cútico verdadeiro com Yahweh, Seu poder transforma o centro da existência e motivação humana determinando a conduta moral e todas as ações do indivíduo a partir de então.

Tanto o Salmo 15, quando o 19, revelam a função vital do *cultos* sendo o sustentador do *ethos* e do concerto de Israel. O padrão a ser alcançado viver o *ethos* fundamentado no motivação do amor. Tal indivíduo é considerado *saddiq*, completamente justo, e *tamim*, perfeito ou completo. Quando o pecado o assalta, ele se arrepende, segue o ritual de expiação, e experimenta a limpeza e recriação do seu coração e motivos. De acordo com o *cultos* de Israel tal homem é considerado justo e perfeito<sup>35</sup>. Portanto concluímos que no *ethos* israelita a idéia de perfeição e justiça não é orientada no sentido de uma normal ideal ou virtude elevada, mas é orientada no sentido do relacionamento cútico e concertual<sup>36</sup>.

O conceito de perfeição israelita pode ser constatado na realidade empírica da vida de grandes personagens da história bíblica no Antigo Testamento.

### 1.2.5 PERFEITOS NO ANTIGO TESTAMENTO

Noé é o primeiro homem que as escrituras chamam perfeito, atribuindo o derivativo *tamim*, do radical *tam* “perfeito”. Já em Gênesis 6:9 nós encontramos a

---

<sup>32</sup> *ibid*, 124

<sup>33</sup> *ibidem*

<sup>34</sup> *ibid*, 116

<sup>35</sup> *ibid*, 137

<sup>36</sup> *ibidem*

declaração: “ Noé era um homem justo e *íntegro* entre seus contemporâneos; Noé andava com Deus”. Muito embora nós encontremos tal testemunho sobre Noé no capítulo 6 de Gênesis, logo em Gênesis 9:21-24 nós encontramos um episódio infeliz da vida do patriarca onde é relatado um grave pecado moral.

A segunda declaração de perfeição das escrituras sagradas no relato sobre o patriarca Abraão. Na declaração divina da teofania de Gênesis 17:1, o próprio Deus ao mesmo tempo, demanda e atesta a perfeição do patriarca. Segundo Payne, essa perfeição demandada por Deus não denota impecabilidade, mas antes uma sincera dedicação em seguir uma vida santificada na presença de Deus<sup>37</sup>.

Embora Abrão tenha sido um homem de reconhecidas qualidades morais tais como magnanimidade (Gênesis 13:8 e 9), lealdade (14:12-14, 17:18, 21:10, 11), misericórdia e compaixão pelos semelhantes (18:22-32), ele também cometeu sérias faltas como covardia, mentira e chegou até a quase proporcionar a ocorrência de um ato de imoralidade (12:11-13, 20:11-13). Apesar disso, ele é tido como perfeito (26:5).

O terceiro exemplo bíblico de perfeição é o patriarca Jó. O livro de Jó 1:1 começa com uma impressionante declaração de perfeição sobre seu protagonista: “Havia um homem na terra de Uz, cujo nome era Jó, homem íntegro e reto, temente a Deus e que desvia do mal” (Jó1:1)”. Essa declaração quádrupla do caráter justo do patriarca inclui o radical hebraico *tam* “perfeito”<sup>38</sup>.

Essa declaração inicial é reforçada pelo próprio jó (6:29, 10:7, 12:4, 16:17, 23:11, 12, 29:12-17, 31:5, 6) e intensificada por outras três afirmações divinas (Jó 1:8, 2:3 e 42:7, 8). Embora o testemunho das escrituras a respeito deste patriarca tenha o tido como perfeito, seu estado moral era longe de ser considerado como de impecabilidade<sup>39</sup>.

Na teologia vétero-testamentária da perfeição, perfeitos não são apenas distintos personagens bíblicos tais como alguns patriarcas, mas o conceito de perfeição é ampliado a todo Israel verdadeiro participante do concerto divino<sup>40</sup>. “Bem aventurados os *irrepreensíveis...*” (Salmos 119:1), “... mas os que andam em *integridade* de coração são

---

<sup>37</sup> Payne, Barton.J., *Theology of the Older Testament*, Michigan, Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1962, p 318

<sup>38</sup> Strong Hebrew Dictionary, 2000, CD-Rom

<sup>39</sup> Jó 7:20, 21, 9:2, 15, 10:6, 14:16, 17. Conf. Payne, Barton.J., *op. cit.*, p 338

<sup>40</sup> Hans K. La Rondelle, *Perfection and Perfectionism: A Dogmatic-Ethical Study of Biblical Perfection and Phenomenal Perfectionism* (Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1975), 49

o seu prazer” (Provérbios 11:20”, “... nenhum bem sonega aos que andam *retamente*” (Salmos 84:11). Em todos esses versos o verdadeiro israelita é designado com a palavra *tamim*.

A história dos patriarcas e do povo de Israel demonstram, entretanto, que tanto na vida desses patriarcas, quanto na existência individual e coletiva de Israel, o pecado e suas conseqüências não puderam ser banidos em todos aspectos. Eles morreram na esperança do reino vindouro de Deus onde a vida e todas as coisas voltariam para seu estado original de perfeição<sup>41</sup>.

Passaremos agora para o estudo da perfeição no Novo Testamento.

## 2. PERFEIÇÃO NO NOVO TESTAMENTO

### 2.1 CRISTO E A PERFEIÇÃO

Para entendermos um pouco mais ao ensino de Cristo sobre a perfeição no Novo Testamento, vamos analisar os dois lugares em que a palavra *teleiós* aparece (Mt 5:48 e 19:21), o equivalente do hebraico *tamim*. Vamos estudar o conceito de perfeição onde a idéia aparece em particular na forma de “*imitatio Christi*”<sup>42</sup>.

No contexto do sermão do monte, a declaração “Sede vós, pois, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai que está nos céus” é o sumário das antíteses que se encontram nos versos 43-47 do capítulo cinco, o perfazendo um contraste com a piedade legalística dos fariseus que não entram no reino de Deus e em pedem outros de entrar. Esse relacionamento contextual já é uma indicação que essa declaração de Cristo não pode ser considerada como imperativo moral que reclama perfeição ética ou impecabilidade.

O estudo dos requerimentos de entrada no *basileia ton ouranon* (“reino de dos céus”) deve ajudar na elucidação do caráter dessa declaração. Geralmente se assume que o sermão do monte se encontra numa moldura escatológica, mas essa declaração de

---

<sup>41</sup> *ibid.*, 50

<sup>42</sup> Hans K. La Rondelle, *Perfection and Perfectionism: A Dogmatic-Ethical Study of Biblical Perfection and Phenomenal Perfectionism* (Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1975), 159

Cristo transcende o motivo profético e testifica que Jesus tinha consciência da sua autoridade messiânica.

Os ensinamentos éticos do sermão do monte não foram endereçados para gentios ou muito menos para os fariseus cheios de justiça própria, mas antes, para: os filhos de Deus que oravam a seu pai celestial (Mt 6:9 7:7-11); para os que são chamados de “sal da terra” e “luz do mundo”, cuja luz não deveria iluminar suas próprias boas obras, mas antes glorificar o “Pai que está no céus” (Mt 5:13-16); para aqueles que não se orgulham de sua justiça própria mas antes tem “fome e sede de justiça” e “buscam em primeiro lugar o reino de Deus e a sua Justiça” (Mt 5:6; 6:33).

O salmo 37:11, lugar de onde Jesus retirou sua declaração de Mateus 5:5, identifica “os mansos” com “os justos” (*saddiqim*), como aqueles que “herdarão a terra”. Essas duas classes e pessoas constituem o “homem íntegro” (*tamim*), ou perfeito<sup>43</sup>, que tem a lei de Deus no coração (Sl 37:31). A expressão “puros de coração” (Mt 5:8) também tem a sua origem no livro de salmos tendo íntima relação com o *cultos* israelita<sup>44</sup>. Os adoradores no santuário eram os “limpos de mão e puros de coração” (Sl 24:4 e 51:10) e aqueles que andam perfeitamente (*tamim*, Sl 15:2) de acordo com o concerto de Yahweh. Windisch<sup>45</sup> denomina os mandamentos de Mateus 5:21-48 como “*prescrições de admissão*” para o *basileia ton ouranon* (“reino de Deus”). Assim como o acesso ao templo e direito a participação do culto israelita eram restringidos para aqueles que se adequavam a condições do *cultos* e do *ethos* israelita, as “*prescrições de admissão*” dadas por Cristo na “Torah do Monte” são o código que restringe à entrada ao reino de Deus.

Antes de se cometer o erro de taxar essas prescrições como legalísticas, deve-se ter em mente que o sermão do monte tem seu pano fundo no Antigo Testamento, mais especificadamente, no livro de Salmos. Como visto no capítulo um, a teologia de Salmos baseia todos imperativos ético-morais na experiência redentiva do Concerto da Graça de Yahweh. A partir desse relacionamento entre o sermão do monte e o *cultos*

---

<sup>43</sup> Conferir Salmos 37: 11, 18 e 29

<sup>44</sup> Hans K. La Rondelle, *Perfection and Perfectionism: A Dogmatic-Ethical Study of Biblical Perfection and Phenomenal Perfectionism* (Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1975), 162.

<sup>45</sup> Hans Windisch, *The Meaning of The Sermon on the Mount* (Philadelphia: Westminster Press, 1951), 27

israelita, é possível declarar de antemão, que a compreensão perfeccionista do imperativo de perfeição de Mateus 5:48 não cabe à interpretação do texto<sup>46</sup>.

Assim como os requerimentos de perfeição religiosa e moral do livro de salmos são condicionados e motivados pelo histórico de salvação do Êxodo, o requerimento de perfeição de Cristo é baseado na sua própria autoridade messiânica revelada nos seus atos redentivos. Com base na sua autoridade messiânica, revelada nos seus atos de cura, expulsão de demônios e perdão de pecados, Cristo identifica o seu chamado a perfeição com o chamado para segui-lo em novidade de vida e obediência de todo coração<sup>47</sup>.

O fato de o ser humano ter sido criado a imagem de Deus implica que ele precisa demonstrar os caracteres divinos no seu comportamento. Segundo Larondelle, o conceito de *imitatio Dei* do Antigo Testamento encontra seu paralelo no *imitatio Christ*, no Novo Testamento<sup>48</sup>. Especialmente os livros de Mateus e João, trabalham esse conceito<sup>49</sup>. Em Mt 19:21 a resposta a pergunta feita a Cristo pelo jovem rico sobre como alcançar a vida eterna é respondida em termos de *imitatio Christ*. Como conclusão de sua declaração Cristo diz: “..depois vem e segue-me”. Esse é um apelo de comprometimento religioso sem reservas. A demanda de Cristo não é como a dos demais rabinos da época. Jesus não desejava meramente ensinar sobre Sua interpretação da Torah ou ensinar sobre alguma idéia da filosofia grega. A mensagem de Cristo exige comprometimento absoluto; uma decisão de submissão total. Ao identificar o *imago Dei* do Antigo Testamento com o *imitatio Christi*<sup>50</sup>, Jesus tanto manifesta consciência da sua messianidade como também a reclama<sup>51</sup>.

Como Rei Messiânico do reino de Deus Jesus revela e cumpre perfeitamente o “*imitatio Dei*” como filho de Deus, cumprindo com perfeição na Sua própria pessoa o papel redentivo de Rei e Sacerdote do Antigo Testamento. Entretanto, o “*imatio Christi*”

---

<sup>46</sup> Hans K. La Rondelle, *Perfection and Perfectionism: A Dogmatic-Ethical Study of Biblical Perfection and Phenomenal Perfectionism* (Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1975), p 162

<sup>47</sup> Mt 4:19-22, 9:9, 28:19 e 20, Mc 2:14

<sup>48</sup> Hans K. La Rondelle, *Perfection and Perfectionism: A Dogmatic-Ethical Study of Biblical Perfection and Phenomenal Perfectionism* (Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1975),163

<sup>49</sup> Mt 10:25; 20:25-28 e Jo 10:11, 27-30; 1Jo2:6

<sup>50</sup> Conferir Lucas 9:32, 14:25-35; João 8:12, 10:4, 27

<sup>51</sup> Hans K. La Rondelle, *Perfection and Perfectionism: A Dogmatic-Ethical Study of Biblical Perfection and Phenomenal Perfectionism* (Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1975), 170

não começa em realidade do ponto de vista dos requerimentos éticos, mas antes pela eleição, assim como no concerto de Yahweh com seu povo<sup>52</sup>.

O imperativo reclamatório de perfeição proferido por Cristo requer justiça e amor que excedam a dos escribas e fariseus; reclama que os filhos do Pai celestial não tenham um coração dividido. Esse requerimento não os torna filhos mas apenas é uma manifestação dessa realidade. Viver o *imitatio Christi* na experiência cristã é, em termos práticos, demonstrar o amor divino nos relacionamentos inter-humanos<sup>53</sup>.

Isso está em plena harmonia com a interpretação do texto de Lucas 6:36, paralelo a Mt 5:48. O texto de Lucas não usa *teleios* mas *oiktirmon*, que significa misericordioso. Essa passagem Lucana concorda com a interpretação do imperativo de perfeição de Mateus como uma ativa e completa manifestação do amor perdoador a todas pessoas, inclusive aos ingratos e injustos (Lc 6:35). A perfeição de Mt 5:48 pode ser caracterizada dinamicamente como amor santo e misericordioso<sup>54</sup>.

Larondelle argumenta que a intenção de Mateus ao utilizar a palavra *teleios* foi a de demonstrar que o amor e a justiça verdadeiros não estão em contraste mas são um cumprimento da *torah*. Ele também diz que o conceito dessa palavra não é orientado para perfeição ética absoluta, mas antes para a consagração religiosa e cúlta ao Deus de amor e graça universal<sup>55</sup>.

A luz dessa comparação entre o concerto mosaico e a “*torah do messias*”<sup>56</sup> torna-se evidente o relacionamento indissolúvel e a unidade entre o *cultos* e o *ethos* religioso. As bênçãos da “Torah do monte” são seguidas de demandas éticas que funcionam como pré-requisito par a entrada no reino escatológico de Deus (Mt 5:20; 7:21). O *ethos* de Cristo, tal qual Ele revelou, excede a ética rabínica e farisaica de Seu tempo e restaura o *ethos* do concerto de Yahweh baseado na graça e no amor. Como esse amor pode ser requerido por Deus (Dt 6:5, Lv 19:18, Mt 22:37-40), isso demonstra que ele mais que ver com vontade do que com emoções. Emoções não podem se comandadas ou impostas. Esse amor deve ser da mesma natureza que o amor de Deus, autor do concerto, e por isso

---

<sup>52</sup> ibidem

<sup>53</sup> Ver Jo 13:12-16, Mt 20:25, Lc 22:27

<sup>54</sup> Ver Rm 11:30-32

<sup>55</sup> Hans K. La Rondelle, *Perfection and Perfectionism: A Dogmatic-Ethical Study of Biblical Perfection and Phenomenal Perfectionism* (Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1975), 174

<sup>56</sup> W. D. Davies, *The Sermon on the Mount* (New York: Cambridge University Press, 1966) 27, 31 e 32

deve ser expresso em atos concretos baseados na vontade de Deus. 1 Jo 2:5 diz: “Aquele, entretanto, que guarda a sua palavra, nele, verdadeiramente, tem sido aperfeiçoado [*teteleiotai*]”.

Portanto, a obediência ao ensino moral de Cristo implica no chamado para o “*imitatio Christi*”, que não se trata meramente de conduta moral. Tanto no velho quanto no novo concerto, a experiência de salvação nunca é divorciada da sua obrigação ética e implicações morais.

Mateus 19:21 é o segundo e último texto deste evangelho em que aparece *teleios*. O texto diz “ disse-lhe Jesus: se queres ser perfeito vai, e vende seus bens, dá aos pobres e terás um tesouro nos céu, depois, vem e segue-me”. O princípio por de trás do pedido de Cristo não foi a venda das possessões do jovem rico mas a aceitação da sua pessoa como maior que tesouros no coração do jovem<sup>57</sup>. Enquanto *teleios* em Mateus 5:48 denota perfeito amor ao semelhante, em 19:21 denota perfeito amor a Jesus Cristo, manifestação suprema do amor de Deus<sup>58</sup>.

Isso revela a riqueza e a profundidade do significado de *teleios* no evangelho de Mateus, o qual demonstra uma continuidade básica com o Antigo Testamento. Essa perfeição não pode ser alcançada por sentimentos, mas por um relacionamento perfeito com Cristo, filho de Deus. Essa perfeição não é alcançada ao final de um longo e difícil caminho de tentativas de imitação Cristo, mas através comunhão redentiva com Ele enquanto o caminho está sendo trilhado. Para Mateus, a ética cristã de obediência, ou o *imitatio Christi*, é fundamentada no próprio Cristo. Não é algo que pode ser atingido por uma tentativa autônoma de cópia do Seu comportamento; mas a perfeição de crente somente pode ser atingida através do relacionamento com Ele.

Portanto, de acordo com o significado de *teleios* na Torah de Jesus Cristo, a resposta à questão sobre se a perfeição cristã é sinônimo de impecabilidade ética no novo testamento é negativa. A verdade fundamental sobre o imperativo de perfeição de Cristo é que, muito embora o “sede perfeitos” demande uma justiça que exceda a justiça dos

---

<sup>57</sup> Herbert, E. Douglass, ed., *Perfection: The Impossible Possibility* (Neshville, Tennessee: Southern Publishing Association, 1975), 119

<sup>58</sup> Hans K. La Rondelle, *Perfection and Perfectionism: A Dogmatic-Ethical Study of Biblical Perfection and Phenomenal Perfectionism* (Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1975), 182

fariseus, ele não estabelece um padrão diferente do requerido na Torah e no *ethos* do Antigo Testamento.

## 2.2 PERFEIÇÃO NA TEOLOGIA PAULINA

### 2.2.1 CUMPRIMENTO CRISTOLÓGICO DA VELHA ALIANÇA

Quando consideramos o uso dos termos *teleios* e *hagios* em Paulo, descobrimos que eles sempre estão relacionados com um motivo soteriológico, cristocêntrico e cúltilco<sup>59</sup>. O relacionamento desses dois termos pode ser visto em II Coríntios 7:1. Nesse verso Paulo toca num dos temas de proeminência em sua teologia da perfeição, o relacionamento entre perfeição e santificação.

Uma breve análise na unidade textual imediatamente anterior a II Co 7:1 mostra que Paulo baseia seu chamado ao aperfeiçoamento da santidade do crente no cumprimento Cristológico da antiga aliança de Israel. Em II Co 6:16 Paulo utiliza o termo *naos* (santuário) enquanto declara o caráter santo da igreja com o intuito de aludir e traçar um paralelo entre o antigo e novo concertos. Isso se torna mais patente quando, em sua argumentação Paulo, cita Ezequiel 37:27 que trata da presença cúltilca de Yahweh no contexto da Sua aliança redentiva com seu povo. Após traçar esse paralelo, Paulo passa a fazer uma aplicação dessa antiga realidade de salvação ao novo concerto. Na teologia paulina a presença cúltilca de Deus se dá pelo Espírito de Cristo na Igreja<sup>60</sup>.

Baseado no cumprimento Cristológico da liturgia israelita de expiação (II Co 5:18-21), Paulo enfatiza tanto o relacionamento redentivo diário quanto a unidade moral do cristão com o Senhor<sup>61</sup>. No verso 18 “serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas...” ele demonstra o novo relacionamento do crente com o “Senhor Todo-Poderoso”. Esse novo relacionamento é análogo ao relacionamento do antigo concerto de Yahweh com Israel, que no presente é determinado Cristologicamente pelo “agora”, o “dia da salvação” (II Co 6:2). A morte e a ressurreição de Cristo (II Co 5:15) são a base para seu imperativo religioso-ético: “tendo, pois, o amados, tais promessas, purifiquemo-nos de

---

<sup>59</sup> Hans K. La Rondelle, *Perfection and Perfectionism: A Dogmatic-Ethical Study of Biblical Perfection and Phenomenal Perfectionism* (Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1975), 183

<sup>60</sup> II Co 3:18, I Co 3:16-17, Ef 3:16-18, 2:19-22

<sup>61</sup> Conferir II Co 6:14-15, 5:17, 4:16

toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus”.

Em II Co 7:1 é demonstrado uma a continuidade do dinamismo culto-ético visto no Antigo Testamento<sup>62</sup>. Portanto, apesar dos “santos” serem chamados a se “purificar”, este estado de santidade, assim como no antigo concerto, é antes um presente que um requerimento pois está condicionado e baseado numa redenção Cristológica. Conseqüentemente, o kerigma apostólico proclama que o relacionamento cültico do antigo concerto é agora superado pela presença redentora divina de Jesus Cristo no templo da alma<sup>63</sup>, a qual demanda um andar concreto com Deus. Assim Paulo está em plena harmonia com o ensino de Cristo sobre a perfeição, onde esse andar se dá em termos de *imitatio Christ*. Esse andar se traduz numa santificação constante e progressiva e num aumento da reflexão do caráter de Cristo no crente<sup>64</sup>.

### 2.2.2 JUSTIFICAÇÃO, SANTIFICAÇÃO E PERFEIÇÃO

Outra característica marcante no pensamento de Paulo é que ele trata a perfeição de uma perspectiva escatológica. Para Paulo a perfeição se dá em duas fases: presente e futuro. Ou seja, ao mesmo tempo que a perfeição já ocorre no presente, ela só ocorrerá em sua forma final por ocasião da segunda vinda de Cristo<sup>65</sup>. A chave para se compreender este aparente paradoxo em Paulo está no relacionamento íntimo entre seu conceito de perfeição e Justificação e Santificação.

A fonte primária de perfeição na bíblia é a justiça divina, e sua maior revelação é a perfeita vida de obediência de Cristo na terra. Paulo entende que essa justiça apenas pode ser creditada ao crente através da fé em Cristo (Romanos 3:28). Esse é um ato gracioso de Deus onde a perfeita obediência de Cristo é creditada em favor do pecador. Esse fato é demonstrado em Romanos 5:18 e 19 onde Paulo diz: “assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos homens para a Justificação” e “ por meio da

---

<sup>62</sup> Conferir Lv 19:2, Sl 15, 24

<sup>63</sup> II Co 6:16, I Co 3:16, Gl 2:20

<sup>64</sup> Conferir, II Co 3:18, 4:15, Ef 3:17, 4:20-32, 5:1-2, Co 3:1-10

<sup>65</sup> Herbert, E. Douglass, ed., *Perfection: The Impossible Possibility* (Neshville, Tennessee: Southern Publishing Assocoation , 1975), 122

obediência de um só muitos se tornaram justos”. Como resultado imediato desse processo o homem entra em um estado de paz para com Deus (Romanos 5:1, 8:1).

Muito embora Paulo tenha a Justificação pela fé como tão preciosa que ele não deseja gloriar-se em nada mais se não a Cruz de Cristo (Gálatas 6:14), o processo de salvação do ímpio não se reduz apenas ao aspecto legal da questão. A justificação pressupõe um processo dinâmico de santificação baseado no senhorio de Cristo na vida do crente (Colossenses 1:13, 14). Justificação pela fé implica, entretanto, na transferência da alma do domínio do pecado, no qual nascemos por causa de Adão (Rm 5:18), para o reino da graça, onde o Espírito reina por causa da soberania de Cristo.

Através do batismo na morte e ressurreição de Cristo é que o crente é legalmente incorporado em Cristo, se tornando participante de tudo que Ele alcançou da sua vitória. Em Romanos capítulo 6 Paulo desenvolve esse pensamento. Explicando o significado profundo do batismo como uma participação na própria morte de Cristo sobre a cruz ele diz: “sabendo isso: que foi crucificado com Ele o nosso velho homem, para que o corpo de pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos” (verso 6).

Paulo também declara: “assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus” (verso 11). Esse indicativo de salvação é seguido por um imperativo de santificação: “Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões” e “... assim ofereci, agora, vossos membros para servirem à justiça para a santificação”.

Aqui nós temos a ética paulina da perfeição cristã<sup>66</sup>. Ela pressupõem uma apropriação diária da vida e morte de Cristo pela fé. Para Paulo, assim como os capítulos 3 a 5 precedem o capítulo 6 de Romanos, a redenção precede a moralidade, e a justificação precede a santificação. Ao final do livro de Romanos de 12:1-15:13 o apóstolo desenvolve como a justiça divina deve se revelar na vida cristã. Isso está em plena harmonia e continuidade com o concerto da graça do Antigo Testamento, no qual a obediência é condicionada e motiva pela redenção no êxodo e participação diária serviço do santuário

---

<sup>66</sup> Herbert, E. Douglass, ed., *Perfection: The Impossible Possibility* (Neshville, Tennessee: Southern Publishing Association, 1975), 124

Um sumário da mensagem do evangelho e seu propósito moral é brevemente dada em II Coríntios 5:15: “ E Ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou”

Portanto, a perfeição presente do crente está relacionada com a sua com o processo Cristológico de Justificação e santificação e tem sua culminação na glorificação do crente na segunda vinda de Cristo. Na glorificação nosso corpo será transformado totalmente a semelhança de Cristo e a perfeição final será finalmente alcançada. Na teologia paulina a perfeição esta relacionada com o processo dinâmico de salvação.

### **2.2.3 A BATALHA CRISTÃ**

Um dos temas mais importantes para compreensão do pensamento de Paulo sobre a perfeição cristã é o desenvolvimento do apóstolo em suas cartas e epístolas sobre a batalha cristã. Esse é um assunto nevrálgico no que diz respeito ao entendimento de Paulo sobre a impecabilidade.

Repetidamente o apóstolo faz referência a natureza do seu relacionamento com Cristo. Tais declarações atestam um profundo relacionamento com Cristo. Podemos ver um exemplo em Filipenses 1:21 onde ele diz: “Portanto, para mim o viver é Cristo”. O nível de identificação de Paulo com Cristo era tal que ele podia dizer: “logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no filho de Deus”.

Muito embora Paulo faça declarações tão contundentes que atestam sua participação na nova vida em Cristo ele também declara: “Mas esmurro meu corpo e o reduzo a escravidão, para que tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado” (I Co 9:27). Na sua primeira epístola aos Coríntios Paulo toca no âmago da questão, que será mais plenamente desenvolvida em Gálatas 5:16-24 e Romanos 7:14-25.

Em contraste com a novidade de vida experimentada em Cristo pelo crente, nós encontramos em Paulo algumas imagens e figuras de linguagem que indicam uma realidade diferente. O pronome “Eu” é algumas vezes utilizado para designar o ego auto-centralizado do homem. Essa mesma figura é descrita como “velho homem”

(Colossenses 3:9, Efésios 4:22), ou “carne com suas paixões e concupiscências” (Gálatas 5:24), ou simplesmente “carne” (Romanos 7:5). A imagem da crucificação, como um processo continuado de negação dessa natureza também é utilizado por Paulo (Gálatas 2:20). Larondelle sugere que essa ilustração possa servir para clarificar a mensagem do apóstolo em Gálatas 5 e Romanos 7<sup>67</sup>.

Aqueles que experimentaram o batismo em Cristo, segundo Paulo, devem ser considerados legalmente mortos para o pecado mediante a fé (Romanos 6:11 e 7:4). Mas por outro lado, eles descobrem que na realidade empírica os desejos e impulsos e pecaminosos do “velho homem” coexistem de forma simultânea na vida do crente. Esta realidade pode ser constatada quando nos voltamos para as escrituras e observamos o padrão de comportamento das igrejas apostólicas do Novo Testamento. Nenhuma das cartas escritas pelos escritores do Novo Testamento pressupõem uma Igreja sem pecado. Esse fato encontra seu paralelo no Antigo Testamento nas pessoas designadas como perfeitas<sup>68</sup>.

Muito embora essa batalha seja real, não existe motivos para desespero ou derrota para aqueles que experimentaram o batismo em Cristo. Paulo convida o crente a participar da vitória de Cristo (I Co 15:57) através da ação do Espírito Santo no crente (Gálatas 5:16 e Romanos 8:13). Mas isso não implica que a vitória não demande intenso esforço e traga sobre o ser humano carga intensa de sofrimento e pesares. Mas para Paulo esses sofrimentos produzem um bom fruto que é o que é a perseverança (Romanos 5:3, 4) e desenvolvimento do caráter. Aqui a perfeição cristã é vista e identificada em termos de santificação<sup>69</sup>.

Paulo se preocupa em deixar claro que o caminho da perfeição não é caracterizado por sentimentos de santidade e impecabilidade. Ele tinha essa consciência: “porque eu sei que em mim... não habita bem nenhum”. Na verdade, essa consciência é ampliada na medida em que há um aperfeiçoamento do crente em santidade. O clímax desse auto-conhecimento produzido pelo Espírito Santo no Crente é visto quando apóstolo Paulo confessa perante Deus sua própria falência moral e diz: “Desventurado

---

<sup>67</sup> *ibid.*, 126

<sup>68</sup> Conferir página 8.

<sup>69</sup> Herbert, E. Douglass, ed., *Perfection: The Impossible Possibility* (Neshville, Tennessee: Southern Publishing Association, 1975), 127

homem que sou! Quem me livrará do corpo dessa morte?”. Mas Paulo completa seu pensamento e ao unir sua fraqueza com a vitória de Cristo: “Graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor”. Esse grande contraste e aparente paradoxo encontra paralelo na tensão paradoxal encontrado no livro dos Salmos o adorado experimenta ao mesmo tempo uma profunda consciência de pecaminosidade e intensa alegria pela salvação<sup>70</sup>.

Por último batalha cristã para Paulo significa viver uma vida de submissão, lutando no exército de Deus (Gálatas 6:13) e sendo chamado para “levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo” (II Co 10:5), “até Cristo ser formado em vós” (Gálatas 4:19). Para o apóstolo a perfeição cristã pode ser alcançada, mas somente através da contemplação da glória de Cristo: “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como que por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (II Co 3:18).

Esse crescimento e transformação dinâmica em semelhança de Cristo é aquilo que o apóstolo entende por perfeição cristã. Essa perfeição está em plena harmonia com o imperativo da antiga aliança de Yahweh de segui-lo com toda alma e coração. Para Paulo, o cumprimento final dessa aliança se dá em seguir a Cristo, na nova aliança<sup>71</sup>.

### 2.3 PERFEIÇÃO EM HEBREUS

A carta aos Hebreus, de todo novo testamento, é carta que trata mais explicitamente sobre o tema da perfeição<sup>72</sup>. Tendo Cristo glorificado como mediador da graça divina que se traduz numa força santificadora para o crente, a perfeição constitui o tema central e unificador de toda a carta<sup>73</sup>. Esse tema central é traduzido em Hebreus 7:24: “por isso, também pode salvar totalmente os que por Ele se achegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.”

O autor tenta provar, com base no Antigo Testamento, que o ministério de Cristo como Rei e Sacerdote é superior em qualidade e eficácia ao sacerdócio levítico. “Se, portanto, a perfeição houvera sido mediante o sacerdócio levítico, que necessidade

---

<sup>70</sup> Conferir página 6 Capítulo.

<sup>71</sup> Herbert, E. Douglass, ed., *Perfection: The Impossible Possibility* (Neshville, Tennessee: Southern Publishing Association, 1975), 128

<sup>72</sup> *ibid*, 131

<sup>73</sup> *idem*

haveria ainda de que se levantasse outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque”<sup>74</sup>. O autor se vale repetidamente do Salmo 110:4<sup>75</sup> para comprovar sua tese e o argumento inegável que os muitos sacrifícios litúrgicos são “ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto” (9:9).

O sacrifício expiatório do Antigo Testamento, embora sendo eficaz em sua função didática, simplesmente não tinha a função e nem a capacidade de remover pecados e aperfeiçoar o crente (Hebreus 10:1 e 4). Apenas com base no sacrifício único do filho de Deus a perfeição é garantida para todos aqueles que, sendo participantes da nova e superior aliança, tem a sua vida diariamente santificada por Cristo(10:14). Não obstante a superioridade da nova aliança (7:22), a perfeição se dá em termos de relacionamento divino-humano, assim como na antiga aliança<sup>76</sup>. Nesse contexto, o autor tem a intenção específica de indicar o cumprimento Cristológico do *cultos* do santuário israelita de uma vez por todas.

Uma demonstração que a perfeição se dá em realidade apenas pelo relacionamento concertual divino-humano, que em Hebreus se realiza Cristologicamente, é demonstrado em Hebreus 10:22<sup>77</sup>. Neste verso a proximidade ao Mediador Jesus cristo no santuário celestial é demonstrado pelo uso do verbo *proserchomai*, “aproximar-se”.

É também relevante à nossa compreensão da perfeição em hebreus entender qualificação dada ao termo *teleios* na carta. Os perfeitos (*teleloi*) tem duas características principais: (1) eles não são “tardios em ouvir” (5:11), indicando disposição e permanecer receptivo ao ensino, e (2) eles não são “indolentes” na fé. Esses *teleloi*, são, conseqüentemente, perfeitos ou maduros em fé e esperança. Sua qualidade específica indispensável vista nesta seção (5:11-6:20) é o crescimento na capacidade de “discernir não somente o bem, mas também o mal”(5:14).

A perfeição em Hebreus, longe de se basear meramente em características ético-morais inerentes ao caráter do crente, se dá em termos de um crescimento e maturidade espiritual baseadas num relacionamento de concerto com nosso mediador Jesus Cristo.

---

<sup>74</sup> Hebreus 7:11

<sup>75</sup> Hebreus 5:5, 6, 7:17, 21

<sup>76</sup> Herbert, E. Douglass, ed., *Perfection: The Impossible Possibility* (Neshville, Tennessee: Southern Publishing Assocoation , 1975), 131

<sup>77</sup> Hans K. La Rondelle, *Perfection and Perfectionism: A Dogmatic-Ethical Study of Biblical Perfection and Phenomenal Perfectionism* (Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1975), 195.



### 3. CONCLUSÃO

Vimos nesse simples estudo que a perfeição bíblica não é sinônimo de impecabilidade. Ela não é revelada em termos de virtude moral elevada ou padrão ético inatingível. Mas antes como um presente divino disponibilizado ao homem em termos de relacionamento com seu doador, sendo por tanto é perfeitamente possível de ser alcançada aqui e agora.

No Antigo Testamento o homem podia experimentar essa perfeição de relacionamento através do concerto da graça de Yahweh, onde a motivação para o cumprimento do *ethos* era amor divino. No Novo Testamento ocorre a continuidade e o cumprimento final desse mesmo padrão de perfeição na pessoa de Cristo. No kerigma apostólico de Paulo essa perfeição se relaciona com a justificação e perfeição e se dá desde o princípio até o fim unicamente pela fé em Cristo.

O maior erro do perfeccionismo não está na sua tentativa desesperada de alcançar perfeição moral, mas em colocar o foco de seus esforços não em Deus, a fonte primária de perfeição, mais em si mesmo. Nas palavras de LaRondelle: “Perfeccionismo, entretanto, parece ser inadequado primariamente não pelo seu conceito de santidade, mais pela tão limitada experiência das múltiplas dimensões do santo amor”<sup>78</sup> de Deus.

---

<sup>78</sup> Ibid, 327

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Buttrick, George Artur, Ed. *Interpreter's Dictionary of The Bible*, New York, Nashville: Abinton Press, 1962, V.3.
- Davies, W. D. *The Sermon on the Mount*. New York: Cambridge University Press, 1966
- Douglass, Herbert, E., ed. *Perfection: The Impossible Possibility*, Neshville, Tennessee: Southern Publishing Assocoation , 1975
- Eichrodt,Whalter. *Theology Of The Old Testament*. Philadelphia: TheThe Westminster Presss, 1961, V. 1.
- La Rondelle, Hans K. *Perfection and Perfectionism: A Dogmatic-Ethical Study of Biblical Perfection and Phenomenal Perfectionism*. Berrien Springs, Michigan: Andrews University Press, 1975.
- Payne, Barton.J. *Theology of the Older Testament*, Michigan, Grand Rapdis: Zoder van Publishing House, 1962.
- Terrien, Samuel. *The Psalms:Strophic Structure and Theological Commentary*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 2003
- Windish, Hans. *The Meaning of The Sermon on the Mount*. Philadelphia: Westminster Press, 1951.